

Mensagem de Alexander ao Brasil

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aerea — Estavamos ontem de passagens reservadas em um avião que nos levaria ao campo onde estão os homens do 1º Grupo de Caça Brasileira, quando recebemos aviso de que devíamos procurar hoje o general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, que receberia a visita de uma "alta personalidade".

Um pesado "carro-comando" nos levou durante muitas horas pela estrada, até o lugar convenção. A "alta personalidade" deveria chegar às 11 horas. Eram 10 para as 11 e já estavamos perto do lugar marcado quando vimos em nossa frente um carro aparelado que tinha pintado atrás, numa placa, um camelo e, do outro lado, quatro estrelas — o carro do general Harold Alexander, comandante em chefe dos Exercitos Aliados na Italia. Uma banda de musica brasileira executou os hinos inglês, americano e brasileiro, e o general Alexander passou em revista uma pequena formação de nossos homens.

Depois de uma curta conferencia diante de um mapa da zona de operações, sentaram-se á mesa para o almoço os generais Alexander e Mascarenhas, ladeados pelos generais M. Willis Crittenberg, comandante de um Corpo do 5º Exercito Americano, Lyman Lemnitzer, sub-chefe do Estado Maior dos Exercitos Aliados na Italia, Euclides Zenobio da Costa, Cordeiro de Farias, coronel Dewey, comandante de uma unidade do Exercito Americano e cel. Floriano Brayner, chefe do Estado Maior do general Mascarenhas. Ficaram todos do mesmo lado da mesa, sentando-se do outro lado, em frente ao general Alexander, o major americano Vernon Walters, que servia de interprete.

Acho que o "menu" não constitue nenhum segredo militar: talharim á italiana, galinha, salada mista, doce "alidados" e café á brasileira. Como estão vendo, nada de raro, mas isso foi acompanhado por um vinho "Meleto" branco e um velho "Chianti".

PEDIDO DE AUTOGRAFO

Tinham dito aos reporteres que depois do almoço seriam atendidos, mas resolvi me aproximar da mesa na hora do café porque desejava uma declaração autografa do general — e com ele sentado á mesa isso seria certamente mais facil. Cheguei-me, seguido do Squeff, e o major que servia de interprete me olhou com impaciencia, dizendo que depois do almoço o general nos falaria. Eu ia me afastar, mas o famoso estrategista perguntava, com um ar amavel, do que se tratava — e eu arrisquei então o meu inglês, que é, sem favor, um dos piores da America do Sul. Querria que ele escrevesse alguma frase para o meu jornal — e pus-lhe na frente uma folha de papel. O general começou a procurar uma caneta — e ofereci-lhe a minha.

O CAFEZINHO E UMA GRANADA

Mas quero contar as circunstancias em que o general escreveu essas linhas. A casa escolhida para o almoço não ficava muito longe da frente — e estava em um ponto francamente ao alcance da artilharia alemã. Quando pegou a caneta, o general me perguntou "que dia é hoje?", informação que eu não lhe poude dar. O general Crittenberg informou que era dia 8 e o general Alexander exclamou:

— 8 de novembro!

Lembrou-se, naquele momento, de que estava no segundo aniversario do historico desembarque na Africa do Norte das tropas aliadas, e começou a escrever: "O dia de hoje é, para mim, um dia muito especial, e por duas razões. Primeiro, porque é o segundo aniversario do desembarque aliado na Africa do Norte; segundo, porque é o de minha primeira visita á Força Expedicionaria Brasileira. Desejava ha muito, e imensamente, fazer esta visita. Cheguei esta manhã ao Quartel General do general Mascarenhas, onde..."

Deteve-se um pouco para apanhar a chicara de café — mas não a encontrou. O "garçon", inadvertidamente, a retirara.

— Where is my coffee?

Foi servida logo outra chicara, e só depois de saboreá-la inteira ele continuou a escrever. "... onde fui recebido por uma garbosa guarda de honra. Fiquei muito favoravelmente impressionado pela postura marcial e garbo dessa tropa. O general já me explicou a situação da frente e linha sob sua responsabilidade, e estou satisfeito porque esta importante parte da frente está em boas mãos. Sinto não ter tempo de vos enviar uma mensagem mais longa, porque..."

Ouvimos um assobio mais forte — e outra granada estourou, desta vez a menos de 200 metros, com um estrondo muito pouco confortador. "... porque exatamente neste momento vou á frente para ver as tropas brasileiras que estão em contacto com o inimigo. (Outra explosão, agora a uma distancia bem mais confortavel) — "Ouí do general Crittenberg, comandante do Corpo a que pertencem esses homens, relatorios muito satisfatorios, e tenho confiança de que eles provarão ser soldados valerosos e distintos. De todo o coração eu lhes dou boas vindas em meus Exercitos Aliados na Italia. (a) H. R. Alexander, general, comandante em chefe dos Exercitos Aliados na Italia".

Enquanto o general escrevia estas ultimas linhas o general Mascarenhas, sentado a seu lado, conversava com os correspondentes, congratulando-se pelo tamanho da declaração escrita que iam receber.

Acabando de escrever, o general Alexander leu em voz alta sua mensagem, que o major Walters foi traduzindo. Sorrindo, ele voltou-se para o general Mascarenhas e disse que cumpria o dever de lhe agradecer o almoço — e tambem o acompanhamento musical feito pela artilharia alemã. O general Mascarenhas declarou que as honras desse acompanhamento cabiam ao general Crittenberg.

NO Q. G. DO GENERAL MASCARENHAS

Terminado o almoço, o general Alexander dirigiu-se ao Q. G. do general Mascarenhas, de onde foram todos para um Posto de Observação. Ali, diante do terreno, o coronel americano expôs toda a situação, apontando, nas colinas e montanhas fronteiras, as posições dos nazistas e as ocupadas pelas tropas brasileiras, indicando quantos homens tinhamos em cada lugar, e com que armas. O general Alexander acompanhou atentamente a explicação, que se estendeu por todo o semi-circulo do horizonte, pedindo, de vez em quando, algum esclarecimento.

Os carros saíram novamente — mas desta vez seguiram com um bom espaço entrẽ um e outro, porque o terreno era exposto ao fogo inimigo. Os alemães certamente não poderiam imaginar que bela colheita fariam se atingissem aqueles carros que viam correr em sua frente—notadamente aquele em que viajava o general Alexander. A comitiva parou, e o general foi apresentado ao tenente Belarmino, comandante de um pelotão do Esquadrão de Reconhecimento. O general Crittenberg explicou que aquele pelotão fóra a primeira força brasileira a entrar em contacto com o inimigo em Camalora, a primeira cidade italiana libertada pelos nossos homens.

Pouco depois visitamos um batalhão, que estava formado. Todos os oficiais foram apresentados ao general Alexander, que fez um pequeno "speech". Disse que conhecia o

valor daqueles homens pelos relatórios que tinha lido sobre a força brasileira, todos eles altamente favoráveis. Disse-lhes ter esperança de que a guerra termine em um dia não muito distante — e tinha razões para alimentar essas esperanças — embora, acrescentou, — não devamos subestimar o valor do inimigo, que é duro e teimoso. Afirmou que voltaria outro dia qualquer para ficar algum tempo com aqueles soldados na linha de frente. Lembrou que na Grande Guerra esteve 4 anos na linha de frente, e foi ferido 3 vezes — e se sentia sempre bem numa trincheira em companhia de homens valerosos, como sabia serem os brasileiros. Ha dois anos — acentuou — os alemães não obtêm uma única vitória considerável — e eles não poderão resistir por muito tempo á força das Nações Unidas. Entre essas Nações o Brasil aparece como um povo disposto a empenhar os seus recursos e a vida de seus homens pela causa da liberdade do mundo — e ele augurava aos brasileiros as melhores felicidades — aos brasileiros e especialmente áqueles que ali estavam enfrentando os nazistas.

No seu regresso, o general Alexander passou por alguns lugares em que estavam postadas baterias, que disparavam contra as linhas alemãs. Chegando a uma aldeia, visitou, juntamente com o general Mascarenhas, uma pequena e velha igreja. Italianos que estavam na rua e nas janelas bateram palmas ao verem juntos os generais brasileiros, ingleses e americanos.

E por uma estrada estreita, entre os morros que o outono vai colorindo de amarelo — ferrugem, o carro do general Alexander sumiu.

UM DEDUTIVO

Se o jornal não fizer questão, ofereço o autografo do general Alexander ao maniaco João Condé. Talvez algum grafologo brasileiro possa tirar interessantes conclusões examinando a letra desse homem. O que, para um leigo como eu, chama logo a atenção, é o fato de ser uma escrita excepcionalmente ligada. Não só, todas as letras de uma palavra são em geral escritas sem que o general levante a pena do papel, como também muitas vezes ele chega a ligar duas palavras. Dizem que isso é sinal fortíssimo de espirito dedutivo. Eis um logico terrível — e a clareza e o ritmo de sua escrita, assim como a rapidez, demonstram excelentes qualidades de ordem e iniciativa. Creio honrar o seu senso de economia a maneira pela qual foi diminuindo as entrelinhas para que coubesse o que queria escrever na única folha de papel com que ele contava no momento — a que eu lhe entregara. Vejo ainda, em certos pequenos ganchos nos remates dos traços, sinais de teimosia e energia de que o falecido general Rommel certamente tomou conhecimento. Outra coisa: a questão que esse homem faz de pôr os pontos nos iis, e a maneira pela qual o faz e que mostram ao mesmo tempo rapidez de pensamento e ordem na minúcia. Reparem nos cortes dos tt, rápidos e imperativos. E' interessante o fato da grafia em geral ser descendente — mas na hora de assinar o nome o general fez um belo angulo ascendente — realmente digno de quem trouxe os nazistas de El Alamein até a Linha Gotica — e certamente os levará ainda mais longe.

Desculpem esses palpites de ex-grafologo amador. Quanto á impressão pessoal que o homem oferece, eu me reporto ao comentário de um praça:

— O chefeão é alinhado, hein!

17/1/45

206